

**Revisitando o Imperialismo:
o Papel do *Office of the Coordinator
of Inter-American Affairs* na Construção
de Novas Estratégias de Dominação**

Tatiana Poggi

Doutoranda em História Social pela Universidade Federal
Fluminense, tatiana.poggi@gmail.com

Resumo: *O artigo procura discutir o imperialismo e as novas formas de dominação no mundo contemporâneo, atentando especialmente para a dominação assentada na construção de hegemonia. Investigo, então, o papel da cultura e dos meios de comunicação enquanto veículos difusores de visões de mundo, de certas noções de democracia, desenvolvimento, progresso e felicidade. Para tal, debruço-me sobre o caso do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, agência norte-americana criada na década de 1940 e pioneira na construção de hegemonia no continente americano.*

Palavras-chave: *Imperialismo. EUA. Hegemonia. Cultura.*

**Revisiting imperialism:
the Role of the *Office of the Coordinator of Inter-
American Affairs* in the construction of new strategies
for domination**

Abstract: *The article discusses imperialism and the contemporary forms domination, focusing especially on the domination based on the construction of hegemony. Thus I investigate the role of culture and the means of communication as channels for spreading worldviews and specific notions of democracy, development, progress and happiness. In order to do that, I present a short analysis of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs, north-american agency, founded in the 1940's and pioneer in the construction of hegemony in the american continent.*

Keywords: *Imperialism. USA. Hegemony. Culture.*

Introdução

Em “Cultura e imperialismo”, Edward Said ressalta a validade do debate sobre imperialismo e insiste na continuidade dessa relação no cenário mundial, mesmo após o fim dos clássicos impérios e dos processos de descolonização. Dialogando com autores como Noam Chomsky, Richard Barnet, entre outros, Said aponta para formas de dominação outras às pressões econômica e política, à intervenção militar e à conquista territorial. Em seus estudos, esses autores revelam que, especialmente após o desmonte dos grandes impérios, a salvaguarda de interesses e a construção da hegemonia têm passado cada vez mais (mas não somente) pela esfera da cultura, com a construção e exportação de ideais, estilos de vida, preconceitos, padrões de comportamento e de consumo.

Proponho neste artigo discutir o equilíbrio entre as diversas formas da dominação imperialista norte-americana da América Latina do fim do XIX até meados do XX. Busco entender como os EUA se constituíram em potência imperialista no continente americano, sem necessariamente se tornar um império “à moda antiga”. Os EUA não foram detentores de colônias, não construíram um império com domínios territoriais diretamente controlados. Mas nem por isso deixaram de construir relações de dominação, delimitando área de influência e construindo hegemonia¹.

Como será visto no correr do artigo, “império” pode até ser visto como coisa do passado, “imperialismo” não. Este último foi reconfigurado, sofreu transformações e assumiu no correr do século XX novas e mais complexas roupagens.

O conflito “norte-sul” não se aplacará, e novas formas de dominação terão de ser criadas para assegurar aos segmentos privilegiados da sociedade industrial a preservação de um controle substancial dos recursos mundiais, humanos e materiais, e dos lucros desproporcionais derivados desse controle. (...) Mas é absolutamente indispensável para o sistema ideológico ocidental que se estabeleça um enorme fosso entre o Ocidente civilizado, com seu tradicional compromisso com a dignidade humana, a liberdade e a autodeterminação, e a brutalidade bárbara daqueles que, por alguma razão – talvez genes defeituosos-, não conseguem apreciar a profundidade desse compromisso histórico...²

A cultura e as ideias, como campos de conflito, contribuíram para o aprofundamento e a complexificação da relação de exploração. E para entender melhor tais transformações nas relações imperialistas, proponho ainda uma rápida investigação do *Office of the*

1 Adoto aqui o conceito gramsciano de hegemonia, que para Gramsci transcende o mero sentido de superioridade, caracterizando-se como consenso encorajado de coerção. É um processo ininterrupto em prol da construção de um certo equilíbrio inter e intra-classe, base sobre a qual se percebe a margem de consenso. É imprescindível que sejam levados em conta os interesses das frações e classes dominadas sobre as quais se exerce hegemonia. Entretanto, tais compromissos e sacrifícios de ordem econômico-corporativa não comprometem de modo algum nem a posição hegemônica, ainda que temporária, nem o fato implícito de que nela os interesses do grupo dirigente são preponderantes.

2 CHOMSKY, Noam. *Towards a new Cold War: essays on the current crisis and how we got there*. New York: Pantheon, 1982.p.84-85.

Coordinator of Inter-American Affairs, agência criada em 1940 e que, ao longo de sua existência contribuiu de forma ímpar para a reconfiguração das relações imperialistas no continente americano. Vejamos, então, com mais detalhes como se deu esse processo.

Do *big stick* à boa vizinhança

“...a idéia da liderança e excepcionalidade dos Estados Unidos nunca está ausente; qualquer coisa que façam os Estados Unidos, [as] autoridades em geral não querem que eles sejam uma potência imperial como seus predecessores, preferindo, em lugar disso, a idéia de “responsabilidade mundial” como princípio de suas ações.”³

O sentido de missão, o mito da excepcionalidade norte-americana e a necessidade histórica de “salvar o mundo” foram desde muito cedo enfatizados nos EUA de modo a justificar a dominação e construir consenso, sobretudo internamente. Ideais como o da responsabilidade mundial e o de guardiões da liberdade estiveram presentes desde as primeiras iniciativas do imperialismo norte-americano com a Doutrina Monroe (1823), justificando intervenções militares e dominação econômica no Caribe e na América Central.

Contudo, a partir de meados da década de 1930, observou-se uma preocupação em expandir significativamente tal base de consenso nas áreas dominadas, investindo pesadamente em mecanismos de persuasão e controle de informação. Conhecidas eram as alianças políticas e econômicas com setores dominantes dos países periféricos. Não obstante, para a maior parte das populações dominadas os norte-americanos eram ainda vistos como invasores, exploradores e usurpadores da terra. O mito da excepcionalidade *yankee*, de serem eles os portadores do progresso e da felicidade assentada no consumo precisavam ser exportados e, acima de tudo, comprados. A dominação tinha de parecer legítima não apenas para os norte-americanos, mas também para os latino-americanos. Mas, como fazer dominação, exploração e violência parecer um grande negócio?

Surgida no contexto da Grande Depressão, a política da Boa Vizinhança marcou uma mudança significativa no cenário das relações internacionais ao repudiar as práticas de ocupação militar e intervenção direta nos assuntos internos dos países da América Latina. Tal postura unilateral e belicosa, inaugurada com a Doutrina Monroe e intensificada com o Corolário Roosevelt (1904), conjugava um projeto de controle político e dominação econômica, prezando pelo controle de um enorme mercado consumidor e de investimentos, localizado ao sul do Rio Grande.

Tamanha truculência nas relações entre EUA e América Latina além de politicamente desgastante, posto que nutria invariavelmente sentimentos anti-americanos, apresentava-

3 SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.p.353.

se demasiadamente custosa, especialmente para uma economia em crise, como a norte-americana dos anos 1930. Se ao fim do XIX e início do XX a política externa, por via da anexação ou da dominação político-econômica, desempenhou fator essencial para o desenvolvimento e expansão da economia norte-americana, passava agora, em tempos de Depressão, para o segundo plano. Observa-se que as plataformas dos partidos Democrata e Republicano de 1932 reservam consideravelmente menos espaço para tratar das propostas referentes à política externa. No caso específico da plataforma democrata esse espaço é mesmo ínfimo!

O antigo pressuposto “América para os americanos” teria de ser reconfigurado, deixar de lado temporariamente o *Big Stick* e começar a negociar de outra forma. Esta mudança é publicamente anunciada por Roosevelt em seu discurso de posse em março de 1933.

“No campo da política mundial eu dedicarei esta nação à política da boa vizinhança - uma vizinhança que resolutamente respeite a si mesma e, devido a isso, respeite o direito dos outros - um vizinho que respeite suas obrigações e respeite a santidade dos seus acordos para com todas os seus vizinhos do mundo inteiro.”⁴

E confirmada pelo Secretário de Estado Cordell Hull durante a Conferência Interamericana, realizada em Montevidéu em dezembro do mesmo ano. “Nenhum Estado tem o direito de intervir nos assuntos internos ou externos de outros Estados.”⁵

Os resultados da nova política externa, que tinha por base não apenas a o não-intervencionismo militar, mas também a intensificação das relações comerciais, puderam ser vistos ainda na década de 1930. Um “bom vizinho” deveria ser soberano para comprar livremente. “Melhor vizinho”, aquele que honra seus compromissos políticos e paga em dia seus débitos.

Gradativamente, as tropas norte-americanas foram sendo retiradas da maioria dos territórios latino-americanos, à exceção de Cuba. O extraordinário aumento do comércio bilateral e dos investimentos norte-americanos na região terá início em meados da década de 1930, possibilitado pela luta em torno da diminuição das barreiras alfandegárias e quotas, impostos a alguns produtos agrícolas e manufaturados norte-americanos. Mas efetivamente se explicitará com o deflagrar do segundo conflito mundial, quando a partir da “Declaração do Panamá, em 1939, os países latino-americanos demarcaram uma linha em torno do hemisfério e, em troca de mais comércio bilateral e da ajuda externa dos norte-americanos, reduziram as vendas de matéria-prima à Alemanha, Japão e Itália.”⁶

Mais do que estratégia de dominação política e econômica, as trocas comerciais foram, nesse momento específico, fundamentais uma vez que os países da América Latina constituíram fonte vital de matérias-primas, provisões essenciais para a preparação para a guerra e,

4 The American Presidency Project. Franklin Delano Roosevelt. *Inaugural Address 1933*. www.presidency.ucsb.edu. Página consultada em 1 de setembro, 2008.

5 PAMPLONA, Marco Antonio. *Revendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1995.p.64.

6 Idem.p.65.

posteriormente, para manutenção dos Aliados na mesma. Ao retomar as plataformas do Partido Democrata, observa-se que é a plataforma de 1940 -anterior à entrada dos EUA no conflito- e não a de 1944 a que mais se concentra na defesa apaixonada e salvaguarda da sociedade democrática. A democracia, não somente aliada, mas condição essencial para o progresso, toma a cena como “ideal americano”.

Fora das Américas, consolidadas instituições estão sendo depostas e filosofias democráticas estão sendo repudiadas por aqueles cujo credo não reconhece nenhum poder maior que força militar, nenhum valor que não se traduza em falsa eficiência. (...) A essa geração de americanos é dada a tarefa de defender a fé democrática, posto que esta é desafiada internamente por desajustes sociais e externamente pela ambição totalitária.(...) Nessa crise mundial, o propósito do Partido Democrata é defender [os EUA] contra o ataque externo e justificar pelo progresso doméstico o sistema de governo e o modo de vida, do qual o Partido Democrata leva o nome.⁷

A plataforma de 1940 é significativamente mais extensa que todas as demais lançadas entre 1932 e 1952. E a própria estrutura textual fora montada de forma a explicitar os projetos do Partido Democrata para as áreas específicas da sociedade como somente possíveis dentro de um ambiente democrático e especialmente desenvolvíveis em nome deste mesmo princípio.

Nós devemos nos fortalecer ao máximo para que nenhuma combinação possível de poderes se atrevera a nos atacar. Nós propomos prover a América com invencível força aérea e marinha forte o bastante para proteger toda costa e nossos interesses nacionais... Nós continuaremos a coordenar tais implementos para a defesa com a necessária expansão da capacidade industrial e com o treinamento de pessoal especializado. (...) Para fortalecer a democracia, nosso sistema empresarial e a iniciativa individual devem ser livres para gerenciar sua capacidade produtiva...O rádio se tornou parte integral da doutrina da liberdade de expressão, de imprensa, de reunião e religião democraticamente aceita. (...) Nós guardamos os recursos humanos como o primeiro dos bens de uma sociedade democrática.⁸

A situação econômica e posição política privilegiada dos EUA durante e após o término do segundo conflito mundial permitiram, assim, a construção de uma nova divisão internacional do trabalho ainda mais favorável a esse país. A superioridade norte-americana se fundamentava no segredo da arma nuclear, nas vantagens advindas do novo padrão monetário internacional ouro-dólar, na capacidade de financiar a reconstrução dos países

7 The American Presidency Project. *Democratic Party Platform of 1940*. www.presidency.ucsb.edu. Página consultada em 1 de setembro, 2008.

8 Idem

destruídos pela guerra e na ampliação dos investimentos das empresas transnacionais nos países periféricos, em especial na América Latina.

A América latina transformava-se numa região experimental para a nação mais poderosa do mundo. Os Estados Unidos esperavam, com a política da boa vizinhança, promover e melhorar o nível de vida dos países da América Latina. (...) O mercado era a melhor arma para combater o nacionalismo estatizante e a disseminação das idéias comunistas.⁹

Os anos 50 marcam a maturidade do fordismo enquanto regime de acumulação, expandindo-se, então, para a periferia. Nesse movimento, nota-se uma profunda alteração na divisão internacional do trabalho, na qual gradativamente os países periféricos deixam de ser apenas fornecedores de insumos primários para o mercado internacional para se tornarem produtores e até mesmo exportadores de produtos industrializados. Portugal, Espanha, Europa Leste, Leste asiático e México configuraram as primeiras experiências, seguidas de outras, escolhidas naturalmente pelos baixos salários, incentivos fiscais e classe operária pouco organizada. Unindo interesses com as classes dominantes locais, os países centrais de uma forma geral, mas principalmente os EUA, puderam desfrutar à vontade de um grupo imenso de trabalhadores pouco especializados e mantidos a um custo baixíssimo.

Dominação com consenso: o papel do OCIAA na construção da hegemonia regional

É justamente nesse contexto que em 1940 é criado o *Office for Coordination of Commercial and Cultural Relations between the American Republics*, renomeado em 1941 *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* e em 1945 *Office for Inter-American Affairs*¹⁰. A agência fora criada com o propósito de contra-atacar a ameaça representada primeiramente pelo autoritarismo do Eixo e posteriormente pelo comunismo. A “defesa das Américas” contra a “ameaça totalitária e o perigo vermelho” advinha do pressuposto de que a própria segurança dos EUA passava pela prosperidade econômica dos países da América Latina e que tal prosperidade deveria ser alcançada pelo estreitamento dos “laços de solidariedade” e “cooperação econômica” entre as regiões.¹¹

Em relatório inicial de atividades enviado ao presidente Roosevelt, Nelson Rockefeller, coordenador do *Office* de 1941-1944, explicita as medidas práticas adotadas com relação à “cooperação econômica”. São indicados como objetivos: a extensão de recursos financeiros aos países latino-americanos em quantia suficiente, de forma a garantir

9 TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. Rio de Janeiro, Cia das letras, 2000.p.186.

10 Deste ponto em diante estarei me referindo a essa agência simplesmente como *Office*.

11 Historical Reports on War Administration. *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. US Government Printing Office: Washington, 1947.p.165.

a estabilidade interna; estimular o comércio; prover assistência ao desenvolvimento industrial; assegurar provisão adequada quanto ao sistema de transportes.¹²

E em declaração ao *House of Appropriations Committee*, Nelson Rockefeller defendeu que o programa de defesa não poderia passar somente por questões de fundo militar, pois os EUA se deparavam também com um problema de fundo econômico e psicológico e precisavam lutar contra a propaganda externa, controlada por grupos do Eixo.¹³

Como se pode perceber, o projeto de defesa do hemisfério procurava agir por diversas frentes, nas quais os interesses econômicos assumiram inicialmente proeminência, mas logo foram acompanhados por fortes investimentos na cultura, informação e educação. Essas diferentes frentes, materializadas em divisões e programas, deveriam trabalhar conjuntamente, de modo a complementar e incentivar as ações umas das outras. Por isso Rockefeller trabalhou tão intensamente na construção de um “entendimento mútuo” entre as regiões e procurou “incentivar a simpatia” latino-americana para com os norte-americanos, para com o modo de vida norte-americano.

A América Latina apresentava alguns riscos, obstáculos -como nacionalismo, inclinações fascistas e socialismo- à expansão do liberalismo à moda norte-americana. Um projeto de superação do atraso latino-americano, por meio do incentivo ao desenvolvimento e a maior inserção no mercado, parecia estratégia interessante para combater o nacionalismo, os programas de estatização e a disseminação de ideias comunistas. Além disso, Rockefeller acreditava que somente por meio da expansão da agricultura, da indústria e de intenso intercâmbio educacional (entre técnicos, estudantes, trabalhadores voluntários e especialistas em diversas áreas) poderia se realizar uma verdadeira união americana.

Mais do que uma agência destinada ao estreitamento das relações comerciais (e, conseqüentemente, da dependência), o *Office* foi também um veículo do americanismo, um veículo de difusão de alguns elementos da cultura norte-americana (entendida como uma construção, um campo de luta entre os interesses das diversas frações de classe). Por ele eram transmitidos um entendimento particular de democracia, liberdade, direitos individuais, harmonia social e progresso. E tal difusão não poderia deixar de ser feita de outra forma senão procurando enfatizar os benefícios e a superioridade de se viver e se pensar da forma norte-americana¹⁴, em detrimento da latinidade local.¹⁵ O projeto de universalização da cultura e dos valores de um país e a capacidade deste em “estabelecer um conjunto de normas e instituições favoráveis que governem setores de atividade internacional são fontes decisivas de poder.”¹⁶

12 Idem.p.166.

13 Idem.ibidem.p.167.

14 Entende-se desde já que um processo de difusão cultural e ideológica convive invariável e simultaneamente com resistências, antropofagia, condição, sincretismo.

15 TOTA, Antonio Pedro. Op.cit.

16 NYE, Joseph. O paradoxo do poder americano. São Paulo: Unesp, 2002.p.39.

A americanização foi o processo de implantação dessa ideologia nas “culturas mais débeis” da América Latina. (...) A americanização de nossa sociedade quebraria possíveis resistências à aproximação política entre os EUA e o Brasil. A política da Boa Vizinhança de Roosevelt era o instrumento, de amplo espectro, para a execução do plano de americanização.¹⁷

Chama ainda atenção a forma explícita com que os interesses privados aparecem organizados em congruência com as políticas públicas da época. À frente do *Office* estava o magnata Rockefeller, muitos dos projetos e campanhas desenvolvidos pela agência tinham financiamento misto (público e privado), incentivos fiscais eram dados para empresas interessadas em anunciar em países da América Latina ou, no caso das rádios, em transmitir ondas longas para a América Latina.¹⁸ Walt Disney e sua equipe foram enviados à América do Sul pelo Departamento de Estado em 1941, recebendo financiamento do *Office* para o desenvolvimento de projetos como a série de seis filmes “*Saludos Amigos*” e o curta “*Amazon Basin*”.

A partir deste microsomo vemos como frações da burguesia norte-americana se organizavam em agências do Estado de forma a direcionar políticas públicas conforme seus interesses. A análise do *Office*, de suas atividades e de seus quadros, revela que políticas públicas não devem ser pensadas como nacionais ou “neutras”, mas sim como um campo de conflito.

A idéia dos Estados Unidos como modelo era um dos pontos centrais da filosofia de Nelson e de seu pessoal. As transmissões de rádio, o cinema, os projetos de saneamento e saúde e os programas econômicos tinham um sentido paradigmático, isto é, os Estados Unidos possuíam o segredo do progresso e o que era mais importante, estavam ‘dispostos’ a compartilhá-lo com o Brasil.¹⁹

O estímulo à construção de um projeto de americanização que passasse pela conquista dos corações e das mentes deu origem ao surgimento de diversas divisões internas ao *Office* dedicadas à cultura. Em 1941 foi criada a Divisão de Comunicação com o objetivo de: contra-atacar a propaganda totalitária que por ventura chegasse aos países da América Latina; remover e corrigir fontes de conflito nas sociedades latino-americanas; enfatizar e dirigir a opinião pública para elementos que levem a construção de uma unidade entre as Américas; aumentar o conhecimento dos modos de vida uns dos outros; expansão das redes de comunicação de forma a atingir cobertura de massa.²⁰ Em 1944 surgia a Divisão

17 TOTA, Antonio Pedro. Op.cit..p.19.18

18 HAINES, Gerald K. Under the Eagle’s Wing: the Franklin Roosevelt Administration Forges An American Hemisphere. In: *Diplomatic History* 1 (4), 1977.p.373-388.

19 TOTA, Antonio Pedro. Op.cit.p.180.

20 Historical Reports on War Administration. *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. US Government Printing Office: Washington, 1947.p.166.

Cultural e também o primeiro programa do *Office* no campo da educação. O programa da Divisão de Educação, nascida em 1945, estava assentado na premissa de que a educação, especificamente a educação técnica, deveria ser entendida enquanto fator essencial para o avanço econômico e expansão das atividades industriais, conseqüentemente para a melhora na qualidade de vida das populações dos países latino-americanos. (Ver figura I)

A Divisão de Educação do *Office* é exatamente a matriz, de onde surge o *Inter-American Educational Foundation*, agência do *Office* responsável, por exemplo, pela criação em janeiro de 1945 do Programa Cooperativo em Educação Rural. Este, um dos primeiros de muitos programas de intercâmbio técnico e cultural, representa a concretização oficial dos novos caminhos do imperialismo norte-americano, apostando em estratégias de coerção, pela pressão econômica, e de construção de consenso, pelos mecanismos de persuasão e conquista ideológica. A implementação do programa, contudo, não foi feita pelo *Office*, mas pelo próprio Departamento de Estado por meio de sua mais recente subdivisão, o *Institute of Inter-American Affairs*. Isso porque em abril de 1946, por ordem executiva, o *Office* é oficialmente abolido e suas funções são imediatamente transferidas para o Departamento de Estado.

Mais do que mera formalidade ou trâmite burocrático, a incorporação das funções do *Office* pelo Departamento de Estado marcou uma profunda mudança no seio das relações internacionais dos EUA. Ao longo de sua existência, o *Office* procurara ir além de seus objetivos formais iniciais, não se contentando em coordenar as atividades de agências públicas e grupos privados no desenvolvimento de programas que visavam, em última instância, medidas emergenciais para a defesa nacional em tempos de guerra. Seus coordenadores, primeiramente Rockefeller e posteriormente Harrison, lutaram também por adotar uma agenda de políticas de longo prazo, programas de cunho mais profundo.

Admitindo-se que o expansionismo americano é sobretudo econômico, mesmo assim ele depende muito e caminha junto com ideologias e idéias culturais sobre os próprios Estados Unidos, incessantemente repisadas em público.²¹

O “Resumo de Atividades relativo aos anos de 1942, 1943 e 1944” procurou enfatizar que o propósito do *Office* não deveria se restringir somente à defesa, mas planejar uma potente estrutura para o pós-guerra e trabalhar juntamente com as demais nações americanas para solucionar problemas nos campos econômico e social. O objetivo era que se criassem mecanismos que transcendessem o incentivo à produção imediata e ao apoio militar, promovendo os alicerces para o desenvolvimento econômico, expansão dos mercados e melhora do nível de vida **depois da guerra**.²²

21 SAID. Op.cit.p.357.

22 *Historical Reports on War Administration. History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. US Government Printing Office: Washington, 1947.p.169.

Na primavera de 1943, Rockefeller discutiu com o subsecretário de defesa, Summer Welles, a necessidade de se olhar para frente, para um tempo cujas condições tornem necessários a existência de novas agências e novos planos administrativos que levem adiante muitas das atividades desenvolvidas pelo *Office*, caso esse deixasse de existir. Ainda que não desprezasse ações de longo-prazo, o Departamento de Estado relutava em atribuir a uma agência como o *Office*, permeada não apenas por interesses governamentais, mas também privados, a responsabilidade de levar adiante programas de longo-prazo, fossem esses de cunho cultural ou socioeconômico. Nas palavras do Secretário de Estado Cordell Hull:

Para esse fim o Coordenador [do *Office*] foi informado que terá o apoio do Departamento de Estado e que ênfase seja dada na continuidade das atividades necessárias ao esforço de guerra, particularmente o programa de reabilitação emergencial ligado a desajustes econômicos. O Departamento também apoiará a requisição por parte do Coordenador de fundos necessários a conclusão dos programas de saúde e saneamento... e permitir o ajuste e continuidade de outros programas emergenciais...²³

De certa forma, as divisões Cultural e de Educação são frutos dessa luta entre o *Office* e o Departamento de Estado. Em 1944, ano de criação da Divisão Cultural, fora estabelecida uma divisão específica das atividades concernentes ao campo cultural, cabendo ao Departamento de Estado os programas de caráter mais profundo e contínuo e ao *Office* programas de caráter temporário. Já a Divisão de Educação, cujos objetivos tocavam somente de forma indireta as necessidades de defesa nacional, teve vida curta enquanto instância do *Office*, sendo rapidamente encampada pelo Departamento de Estado em 1946 na forma da *Inter-American Educational Foundation*.

Estabelecido justamente nesse período de transição, o acordo que deu origem ao Programa Cooperativo de Educação Rural guardava ainda certas características de programas do *Office*, como a intensa participação dos grupos privados, tendo como objetivo geral intensificar o intercâmbio de educadores, ideais e métodos pedagógicos entre Brasil e EUA.

Pelos termos do acordo firmado entre Brasil e EUA, caberia à Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais, órgão nacional criado pelo Ministério da Agricultura, executar o programa de cooperação, apoiando projetos específicos, os quais dariam caráter mais concreto à própria intervenção, e enviar relatórios de atividade ao governo brasileiro e à Fundação. Já à Fundação, por sua vez, caberia:

23 Idem.p.170.

“a) o fornecimento por parte da Fundação de um pequeno corpo de especialistas em ensino agrícola, para colaborar na realização do programa cooperativo; b) a preparação e realização, em cooperação com as diversas autoridades brasileiras, de programas referentes a: 1- estudos e pesquisas que se prendam às necessidades educacionais do Brasil e dos Estados Unidos da América, especialmente no que diz respeito à educação rural e aos recursos disponíveis para tal fim; 2- concessão de meios que permitam a administradores, educadores e técnicos ir aos estados Unidos da América com o fim de estudar, proferir conferências, lecionar e permutar idéias e experiência com seus colegas daquele país; 3 – a realização de programas de treinamento de professores no ramo do ensino profissional agrícola; 4 – a aquisição de equipamentos, preparação de material de ensino, utilização de recursos tais como o radio, o cinema, as missões rurais, as bibliotecas e os museus circulantes; e 5- a utilização de quaisquer outros meios que possam ser considerados por ambas as parte convenientes à realização deste programa.”²⁴

Como indica a cláusula II do acordo, o incentivo ao intercâmbio de profissionais da educação agrícola, a promoção da pesquisa e a preocupação com a ampliação do corpo de profissionais por meio do treinamento técnico específico exemplificam bem as diretrizes desenvolvimentistas da política externa norte-americana.

Conclusão

A política da Boa vizinhança constituiu um marco nas relações internacionais dos EUA, especialmente em suas relações com a América Latina. Rejeitando o Corolário e promovendo não apenas uma política externa mais branda e multilateral, mas procurando difundir o americanismo, os EUA deram um salto qualitativo, passando da truculenta imposição da dominação, para a construção de hegemonia.

A incorporação definitiva dos programas ligados à cultura e à educação pelo Departamento de Estado marca uma nova etapa neste processo de construção de hegemonia. A limitação da iniciativa privada nas relações internacionais faz do processo de construção de hegemonia uma política pública. O Estado, por meio do Departamento de Estado suas subdivisões e programas, abraça totalmente o projeto de conquista da América Latina pelo interessante caminho do investimento no “desenvolvimento”, pela “ajuda mútua” e pelo estreitamento dos “laços de solidariedade” entre as regiões e povos das Américas.

Ainda assim, vale lembrar a ressalva de Tota quando este afirma que é demais simplista pensar que a cultura americana aqui chegou, manipulou-nos, e deixamos de lado nossos próprios pressupostos culturais. A assimilação cultural faz parte de um processo de recriação, ainda que permeado pelo conflito entre forças desiguais, com desigual

24 Rural education. *Cooperative program in Brazil. Agreements Between the United States of America and Brazil.* Washington D. C.: Government printing Office, 1947.p.14

capacidade de difusão. Ao longo de “O imperialismo sedutor”, o autor demonstra diversas formas de resistência popular à incorporação dos elementos da cultura norte-americana e finalmente a simbiose conflituosa entre as duas culturas. Os elementos culturais norte-americanos que foram incorporados ao nosso imaginário, assim só se fizeram porque, uma vez apresentados, fizeram algum sentido em nossa própria lógica. E, ao se congregarem à cultura latina, assumiram roupagens adaptadas à nova realidade, originando um sincretismo cultural.

De certo que a estratégia da conquista pela exportação da cultura não eliminou por completo práticas de coerção militar e econômica, as quais tornam à cena com o avançar da Guerra Fria pela presença permanente das Forças Armadas e dos serviços de inteligência norte-americanos em regiões consideradas “estratégicas”. Como bem nos lembra Joseph Nye, “os poderes bruto e brando estão relacionados e se reforçam mutuamente.”²⁵ A diferença é que o poder brando se assenta na capacidade de seduzir e atrair, levar os outros a querer o que você quer, enquanto o poder bruto está assentado na coação e na ameaça. Secretário de Defesa durante a administração Clinton, Nye Jr. conclui aguçadamente: “Se os Estados Unidos representarem valores que os outros queiram adotar, a liderança nos custará menos.”²⁶

A construção de estruturas e alicerces tão desejados pelos Coordenadores do *Office* foi finalmente encampada pelo Estado, tornando-se explícitos nos projetos desenvolvimentistas do pós-segunda guerra. O *Fair Deal* de Truman ficou marcado pela invenção do subdesenvolvimento e a tenaz luta contra o mesmo por meio do incentivo à industrialização e urbanização, à tecnicização da agricultura e adoção de certos valores culturais.²⁷ Organismos privados, ainda que um pouco mais limitados, não deixaram de atuar. A organização norte-americana *Council on Foreign Relations* e a transnacional Comissão Trilateral “concebem estratégias que integram uma visão de médio e longo alcances dos rumos do capitalismo como sistema global, com a ação conjuntural favorável aos interesses da iniciativa privada e da política externa do país.”²⁸ O consumo salvará! Louvado e exportado seja o sonho americano! E xô perigo vermelho!

Entretanto, ao contrário do esperado pelas estratégias desenvolvimentistas, a tal aliança não levou ao progresso e o sonho americano não se concretizou abaixo do rio Grande. A ideia da América Latina como “nova fronteira” viveu apenas discursos adocicados de Kennedy. E diferente não poderia ser, uma vez que o imperialismo se assenta em relações de dominação, não de integração.

A “Boa Vizinhança”, agências como o *Office*, programas de intercâmbio e difusão cultural, globalização da mídia, entre outros, representam não um abrandamento das relações imperialistas, mas sua complexificação. Apostando na sedução, o imperialismo norte-

25 Rural education. *Cooperative program in Brazil. Agreements Between the United States of America and Brazil.* Washington D. C.: Government printing Office, 1947.p.14..

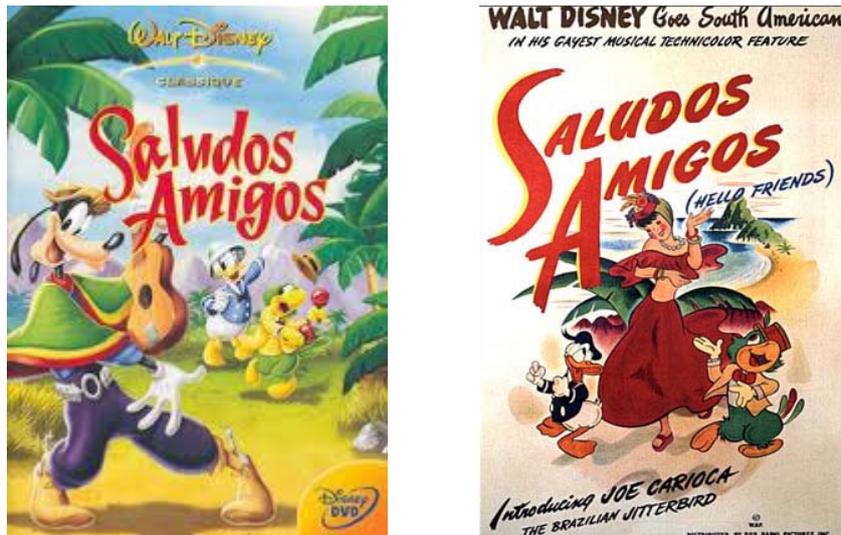
26 Idem.p.37.

27 MENDONÇA, Sonia Regina de. Relatório de atividades CNPq 2008. “Descobrimo” a pobreza, “inventando” o desenvolvimento.

28 AYERBE, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia.* São Paulo: Unesp, 2002.p.261.

americano inaugurou novas formas de dominação, muito mais profundas e eficazes. A grande transformação no imperialismo não se dá a partir dos processos de emancipação política dos territórios asiáticos e africanos, mas jaz na década de 1930 e tem EUA e América Latina como protagonistas.

Figura 1: Dois dos cartazes da série “Saludos Amigos”, produzida pela Disney a pedido do *Office* em 1943.



Imagens retiradas respectivamente de: <http://verpeliculas.in/peliculas-classicos-de-disney/saludos-amigos.html>. e <http://moviemyles.wordpress.com>. em 18 de agosto, 2010.

Referências

- Ayerbe, Luis Fernando. *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Unesp, 2002.
- Haines, Gerald K. "Under the eagle's Wing: The Franklin Roosevelt Administration Forges An American Hemisphere". In: *Diolomatic History* 1 (4), 1977.
- Karnal, Leandro et alli. *Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.
- Mendonça, Sonia Regina de. Relatório de atividades CNPq 2008. "Descobrimo" a pobreza, "inventando" o desenvolvimento.
- Nye, Joseph. *O paradoxo do poder americano*. São Paulo: Unesp, 2002.
- Pamplona, Marco Antonio. *Reverendo o sonho americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1995.
- Said, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- Schultz, Lars. *Estados Unidos: poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina*. Bauru: Edusc, 2000.
- Tota, Antônio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

Fontes

- Historical Reposrts on War Administration. *History of the Office of the Coordinator of Inter-American Affairs*. US Government Printing Office: Washington, 1947.
- Rural Education. *Cooperative Program in Brazil. Agreements Between the United Sates of America and Brazil*. Washington D.C.: Government Printing Office, 1947.
- The American Presindecy Project. Political Party Platforms. *Democratic Party Platform of 1932-1948*. <http://ww.presidency.ucsb.edu>. Página consultada em 1 setembro, 2008.
- The American Presindecy Project. Political Party Platforms. *Republican Party Platform of 1932-1948*. <http://ww.presidency.ucsb.edu>. Página consultada em 1 setembro, 2008.
- The American Presindecy Project. Franklin Delano Roosevelt. *Inaugural Address 1933-1945*. <http://ww.presidency.ucsb.edu>. Página consultada em 1 setembro, 2008.
- The American Presindecy Project. Harry S. Truman. *Inaugural Address 1949*. <http://ww.presidency.ucsb.edu>. Página consultada em 1 setembro, 2008.